

A PESQUISA EM HISTÓRIA DA ÁFRICA NAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS – UM PANORAMA

MARCIA GUERRA PEREIRA*

O impacto nos cursos de graduação em História da lei que tornou obrigatório o ensino de História e Cultura da África e dos afrobrasileiros em todo o sistema educacional brasileiro foi relativamente rápido. Em menos de uma década, a disciplina História da África está sendo ministrada para os graduandos em História de 34 instituições federais, bem como nas universidades estaduais do Rio de Janeiro, da Bahia e de São Paulo¹. Na maior parte dos casos ela já foi incluída na grade curricular dos cursos como disciplina obrigatória, para a qual estão sendo disponibilizadas vagas do quadro efetivo de professores de cada instituição e providenciados concursos públicos destinados especificamente ao seu provimento. Em um espaço de menos de dez anos delineou-se um subcampo acadêmico formado por professores em atuação nas universidades e pesquisadores de mestrado e doutorado que se reúnem em congressos, participam de comissões, avaliam novos candidatos, integram projetos de pesquisa e extensão, recebem e compartilham financiamentos públicos.

Quem são estes profissionais? De que forma eles estão entendendo a história africana? Como a ensinam? Que novos profissionais eles estão formando? De que maneira dialogam com os objetivos presentes na legislação que iniciou este processo?

Esta curiosidade intelectual foi surgindo por compreendermos que um currículo não é um recorte tecnicamente neutro dos conteúdos universais disponíveis para a humanidade, realizado por indivíduos a-históricos. Muito ao contrário, como o comprovam exaustivamente mais de cinquenta anos de estudos sobre currículos, eles são produtos de contextos sociais, econômicos, culturais e políticos específicos. Assim com as disciplinas acadêmicas e escolares, ambos devem ser pensados como construções sociais e historicamente determinadas, que resultam de embates travados por sujeitos sociais que se localizam dentro e fora do sistema escolar e acadêmico (APPLE: 2006 ; GIROUX: 1997 ; GOODSON: 1997, 2001; CHERVEL: 1990).

*Professora Doutora na PUC-Rio e no IFRJ.

¹ As Universidades Estaduais de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul, que completariam o quadro dos cinco maiores estados da federação em número de alunos, não possuem cursos de História.

As disciplinas, como as pensamos, são fruto de fatores lógicos, epistemológicos, intelectuais, conflitos simbólicos e culturais, propósitos de legitimação e de controle dirigidos por interesses de classes, de etnia, de gênero – todos construídos historicamente (Goodson: 2001). Assim como os processos sociais que nos quais são construídas também consistem num amálgama de conhecimentos científicos, de crenças, de expectativas e de visões sociais.

Para entendermos sua constituição nos pareceu ser possível tomá-las como enunciados resultantes de determinados lugares sócio-econômicos, políticos e culturais de produção, estendendo a elas o raciocínio aplicado por Michel de Certeau à operação historiográfica. Elas seriam, também, escolhas de enquadramento em meio a sistemas de referências, opções por determinados pertencimentos e recusa a outros diálogos ou conexões.

Ivor Goodson (2007) mostrou, em sua obra recente, a importância de ouvirmos os professores quando buscamos reconstituir a trajetória das disciplinas. Com eles conseguimos alcançar aspectos dinâmicos na construção e seleção do conhecimento, inacessíveis nos documentos normativos. Ao mesmo tempo, dar voz aos professores cumpre o papel de reconhecer o lugar preponderante que estes profissionais ocupam na elaboração dos currículos e na produção acadêmica, cada vez mais relegados a uma posição secundária pelas avaliações e mensurações centradas em objetivos definidos por técnicos em educação e políticas educacionais.

O perfil que a história da África, disciplina acadêmica nos cursos de História, apresenta atualmente está diretamente vinculado a escolhas feitas por professores que optaram por especializar-se em uma área, quando a esta ainda não eram atribuídos os benefícios e reconhecimentos de um campo acadêmico consolidado. Tal situação se modifica mais ou menos rapidamente, havendo diferenças substantivas entre aqueles que optaram por esta modalidade de especialização do fazer historiográfico a quinze ou vinte anos atrás e os que o fazem em nossos dias, mesmo que todos partilhem de dificuldades ou benefícios comuns.

Na busca de entender o movimento recente de constituição da disciplina ouvimos professores de diferentes universidades e distintas trajetórias no interior do campo em formação. Entrevistas gravadas, escritas e depoimentos no total de 20 professores dos Estados do Maranhão, Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Santa Catarina, Rio de Janeiro e de Brasília.

Entrecruzamos os dados com as informações disponíveis em seus currículos Lattes e com os dados disponíveis nos sítios eletrônicos dos departamentos de história e universidades, quando existiam.

Nas entrevistas revelam-se tensões, acasos determinantes, razões de escolha deste ou daquele enfoque metodológico, desta ou daquela obra de referência. O contexto no qual foram feitas as escolhas acadêmicas sobrepõe-se, permitindo que possamos qualificar as diferentes leituras do cenário em que ocorre a institucionalização da disciplina.

Os professores entrevistados são todos sujeitos deste processo, mas tem diferentes níveis de percepção desta sua centralidade na delimitação do campo. Professores universitários, intelectuais que refletem sobre a sua prática são também os produtores do conhecimento de referência da área no Brasil. Esta condição esteve posta em todas as entrevistas. Estivemos atentos a este sentido atribuído posteriormente a sua própria trajetória, unificado na intenção de torná-lo compreensível ao público a que se destina (BOURDIEU: 1996). Os entrevistados elaboravam a sua história e a davam a conhecer para o próprio campo no qual atuavam. Em certa medida, escreviam a sua história oficial, para a qual se aplica o alerta de Verena Alberti

Ao trabalhar com história oral, é sempre bom ter em mente que o relato de vida é apenas uma entre muitas possibilidades. ...Ou seja, em um trabalho de história oral, a biografia, a trajetória individual, não é coisa dada, mas construída à medida mesmo em que é feita a entrevista. Se a pessoa tem o costume de refletir sobre sua vida, provavelmente já tem uma espécie de sentido cristalizado para alguns acontecimentos e percursos e pode preferir relatar esses, em vez de outros. Isso não quer dizer que aquele sentido seja falso ou não tenha relação com a realidade. É preciso ter claro, contudo, que ele não é a única possibilidade (2000).

O diálogo entre os depoimentos orais e os documentos escritos possibilitou a escrita do percurso seguido pela disciplina até sua recente institucionalização, na qual a identificação destes sujeitos – os professores – nos parece fundamental.

QUEM SÃO OS PROFESSORES DE HISTÓRIA DA AFRICA

No período compreendido entre janeiro de 2010 e janeiro de 2012, encontramos 62 professores de História da África em atuação nos cursos de História das universidades públicas federais brasileiras. Chegamos a este contingente coletando informações nos sítios eletrônicos dos departamentos de História das Universidades Federais de todo país e das estaduais do Rio de Janeiro, de São Paulo e da Bahia, nas divulgações de resultados dos concursos públicos realizados para estas mesmas instituições (quando existiram) e consultando os dados autodeclarados sobre a atividade docente, disponíveis para consulta pública através da plataforma Lattes do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

Por ser uma área ainda em formação a mobilidade dos professores se apresentou significativa: professores de diferentes áreas ministravam a disciplina em caráter eventual, professores aprovados em concurso se deslocavam, também por concurso, para outras instituições em um intervalo de tempo pequeno. Buscando minimizar o impacto destes acontecimentos no perfil dos dados analisados, escolhi determinar o intervalo dos dois últimos anos – janeiro de 2010 a janeiro de 2012 – para realizar a coleta dos dados.

Foram considerados todos os professores, independente do seu vínculo com a instituição, que no período selecionado deram aulas nos cursos de graduação em História para alunos de graduação. Este número não inclui, portanto, aqueles que proferiram aulas exclusivamente em programas de pós-graduação ou extensão. Incluem professores que fizeram concursos para dar aulas de História da África (45), professores concursados para outras áreas que ministraram disciplinas de História da África durante o período (15) e professores visitantes (2) na mesma condição.

Neste conjunto, impõe-se a constatação de que são professores que há muito pouco tempo pertencem aos quadros das instituições nas quais trabalham. Quase 60% estão na função há menos de cinco anos e constituem cerca de 80% se somarmos todos com menos de 10 anos de instituição. Suas redes acadêmicas ainda estão, portanto, em processo de montagem. Muitos apenas começaram projetos de pesquisa institucionais, orientando os primeiros graduandos. Nem todos já iniciaram os seus projetos de pesquisa. Sua presença nas diferentes posições da carreira acadêmica é discreta em função desta mesma juventude,

havendo entre eles, contudo, coordenadores de curso, chefes de departamento, representantes de professores em conselhos superiores, entre outros.

A grande maioria dos professores hoje dedicados a incluir na formação dos futuros professores de história e historiadores conhecimentos relativos à história da África realizou sua formação profissional básica em cursos de graduação em História (80,6%) e, quase metade deles, em um curso feito no Rio de Janeiro ou São Paulo (43,5%). Sociologia ou Ciências Políticas foram os cursos de origem de 11,3% dos atuais professores, que também podem ter tido sua formação profissional básica em Antropologia, Relações Internacionais, Serviço Social ou Estudos Sociais.

Metade dos professores está trabalhando no mesmo estado em que fez a sua graduação, mas 30% deles vieram de outras regiões em busca das oportunidades favoráveis que a condição de professor em uma universidade pública parece oferecer. É o caso, por exemplo, da professora Elaine Ribeiro, que concluindo seu mestrado na USP e moradora de São Paulo, optou por prestar o concurso na Universidade Federal de Alfenas, em Minas Gerais. Com a aprovação no concurso mudou-se com a família para o novo local de trabalho e está bastante satisfeita com a nova condição.

Na maior parte dos casos parece haver um único responsável pela disciplina em todo o curso de graduação, mas este professor é contratado por 40 h semanais, em regime de dedicação exclusiva. O que nos sugere a possibilidade do professor completar a sua carga horária com cursos de outro teor. Alguns dos concursos indicam, inclusive, esta possibilidade ao indicarem ser a vaga para história Contemporânea ou História do Brasil e da África. A Universidade Federal Fluminense e a Universidade Federal do Espírito Santo se encontram na ponta oposta do isolamento, dispondo de quatro professores cada.

O QUE PESQUISAM OS PROFESSORES DE HISTÓRIA DA ÁFRICA

A atividade de um professor universitário não prevê apenas a docência. A produção de novos conhecimentos, capaz de ampliar os limites do conhecimento específico até então acumulado, é parte intrínseca do que se espera de um docente em nível superior. A atividade regular de pesquisa e a prática de sala de aula são pensadas como essenciais na alimentação e renovação do saber especializado.

Ao tornar-se disciplina acadêmica, com um corpo de profissionais voltados especificamente para ela, tem-se como pressuposto que a história da África passará a ser objeto regular das pesquisas dos professores universitários possibilitando a ampliação do conhecimento acumulado sobre o continente e sobre a própria história da humanidade.

Do universo de professores pesquisados, cerca de 45% desenvolvem, atualmente, projetos de pesquisa em História da África ou em História numa perspectiva atlântica. Número que impressiona, considerando que todos os professores universitários realizam concomitantemente pesquisas e atividades em sala de aula. O que, dito de outra maneira, significa que mais da metade dos professores faz pesquisa em área distinta daquela em que leciona. O que, em uma área de configuração bastante recente, pode expressar a concomitância de trajetórias pessoais alicerçadas em outras temáticas, que ainda perduram no novo campo de atuação profissional. Ou uma distinção consolidada entre área de interesse docente e área de interesse investigativo.

Como sabemos, no formulário padrão do CNPq existe um campo no qual é solicitado ao declarante que indique os projetos de pesquisa com os quais está envolvido. Esta foi a fonte para a análise que se segue.

Consideramos projetos em História da África aqueles que, em sua descrição sumária, indicam a intenção de estudar acontecimentos que ocorreram ou cujas implicações ocorreram no continente e aqueles em que o foco se desloca para a produção ou disseminação de conhecimentos históricos sobre a realidade africana. Nesta perspectiva alinham-se 28 professores, distribuídos por 39 projetos de pesquisa diferentes. Uma prática que se revela na leitura dos currículos na Plataforma Lattes é a de que, na área, são praticamente inexistentes projetos articulando mais de um especialista. As exceções são *Brasil na África e África no Brasil: novos horizontes*, de Leila Hernandez e Marina de Mello e Souza, professoras da USP e o projeto organizado por Marcelo Bittencourt e Andrea Marzano, respectivamente professores da UFF e da UNIRIO, *O sport que virou esporte, o sport que virou desporto: as experiências (d)esportivas em países lusófonos*.

As tendências dos estudos atuais sobre África feitos no Brasil recaem sobre os países africanos de língua oficial portuguesa e, dentro deste conjunto, destacam-se as investigações sobre Angola, Moçambique, Cabo Verde e São Tomé, predominando os estudos sobre a

história angolana que atraem cerca de 20% dos professores/pesquisadores. Os fortes laços que ligaram o sudeste brasileiro ao sudoeste africano (ALENCASTRO: 2000; RODRIGUES: 1961) estão, por certo, na raiz destas escolhas, embora os estudos sobre escravidão ou o imediato pós-abolição naquele país da África austral não sejam em grande número. A preferência parece ser, também, resultado estímulos contemporâneos, entre as quais se destacam o domínio da língua, a maior facilidade de acesso e permanência em Luanda, a existência de redes de solidariedade que recebem os pesquisadores brasileiros e os acolhem, reduzindo as dificuldades com a burocracia de países estrangeiros. Como nos diz o professor Marcelo Bittencourt

Para a pesquisa, a rede é fundamental. Você não vai facilmente para qualquer país africano. Não é fácil fazer pesquisa lá. Não é como ir para Buenos Aires e consultar o Arquivo de Buenos Aires. Em alguns países africanos tem que ter uma negociação para você obter um visto. A passagem é muito mais cara, as diárias são insuficientes. O CNPq aumentou agora a diária africana para US\$ 200. Uma diária de hotel razoável em Luanda sai bem uns US\$ 350. Você não faz pesquisa com a diária do CNPq. Você vai precisar ficar na casa de um amigo ou em uma ousada, onde não corra risco com o seu computador... Eu e Marisa Soares tivemos um projeto, que, aliás, é insuficientemente divulgado, no qual digitalizamos uma parte considerável dos códices do Arquivo Histórico de Angola, que agora estão disponíveis no IHGB. A parte mais complicada do trabalho foi a logística a ser montada para abrigar os doutorandos brasileiros lá. Com a diária do CNPq, como é que a gente ia fazer isso? Então, como é que isso pode ser contornado? Por que já tinha uma rede estabelecida lá. (Professor Marcelo Bittencourt)

Revela-se, também, uma concentração dos estudos com recortes temporais inscritos entre o século XIX e o XX. As exceções são os trabalhos de Maria Cristina Wissenbach e Alexander Gebara que se constroem a partir de relatos de viajantes, o de Lucilene Reginaldo, que tem como objeto a trajetória angolana no século XVIII do missionário negro, nascido no Brasil, André Couto Godinho e o do professor da UFPA Didier Lahon que investiga o tráfico negreiro entre o Pará-Maranhão, a África e Portugal, remontando ao final do século XVII.

Alexander Vieira Ribeiro, da UFF, também estuda os documentos de história angolana produzidos entre os séculos XVI e XIX com o objetivo de constituir um catálogo e tornar acessível o índice dos dados dos códices digitalizados pelo Projeto Acervo Digital Angola Brasil (PADAB), elaborado em conjunto pelo Arquivo Histórico de Angola (AHA) e o

Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), que disponibilizou eletronicamente os documentos arquivados nas duas instituições.

A circulação de ideias e de intelectuais nas duas margens do Atlântico também tem estimulado os pesquisadores. Estão sendo estudadas as relações com o meio ambiente, as práticas médicas, a circulação de impressos, o antiescravismo e o nacionalismo.

Destacam-se por serem espaços pouco frequentados pela historiografia brasileira os estudos de Patrícia Santos sobre relações Brasil/Egito, o de Marta Jardim sobre as tradições hindus em Moçambique e os de Marionilde Magalhães e Silvio Correia voltados para a colonização alemã em África, estes dois últimos pesquisadores das Universidades Federais do Paraná e de Santa Catarina. A pesquisa desenvolvida por Emiliano Macedo, professor da UFES, é o único estudo sobre a África do Norte e está preocupado em entender os conflitos da região ao assumir os padrões ocidentais de democracia política no cenário do pós-Guerra Fria.

A prática desportiva, atividade que mobiliza multidões no Brasil e em Angola é o terreno para o qual se voltam os estudos de A. Marzano e M. Bittencourt, interessados em entendê-la como espaço de luta dentro dos marcos da dominação colonial e, no cenário demarcado pelas guerras civis, também como campo de fortalecimento do nacionalismo.

Verificamos, também, reflexões que se voltam para o ensino da História da África quer na perspectiva de se perceber as principais questões que cruzam este campo acadêmico, como contemplado pelo estudo coordenado na UNICAMP pela professora Marta Jardim que se dispõe a analisar *as práticas, as políticas, os debates e posições estabelecidas que afirmam o tema com o nome de África, bem como a história que se supõe deste nome*, quer voltados para a formação de professores e instalação de uma rede de produção educacional e acadêmica envolvendo universidades no Brasil, na Índia e na África do Sul, na proposição do projeto da professora Patrícia Santos, da UNIFESP. A produção de um acervo recursos e de práticas didáticas [sic] para aulas de História da África é a vertente desenvolvida por Alexandre Vieira, da UFF.

Analisar as abordagens envolvendo o ensino de história da África no Mundo Atlântico, principalmente nos países da CPLP (Comunidade de Países de Língua Portuguesa) é a intenção do professor Anderson Oliva, da UNB. Em seu projeto o autor prioriza as

legislações escolares, a análise dos manuais escolares, a produção historiográfica referente aos estudos africanos e as representações elaboradas pelo imaginário ocidental sobre os africanos e a história da África que se relacionam com o ambiente escolar, dando continuidade a estudos que já havia desenvolvido por ocasião do seu doutoramento.

O panorama dos projetos de pesquisa ora em curso nos fala, portanto, de uma África cuja língua oficial é o português, que viveu a colonização e a experiência da sua libertação e para a qual a escravidão é passado.

QUADRO V
PROJETOS DE PESQUISA EM CURSO DESENVOLVIDOS PELOS PROFESSORES
DE HISTÓRIA DA ÁFRICA EM TORNO DA TEMÁTICA ÁFRICA
2011

Tereza Almeida Cruz	Mulheres da floresta do Vale do Guaporé (Quilombolas) e de Angola (Cabinda) e suas relações com o meio ambiente. Desde 2006.
Didier Lahon	Relações triangulares entre o Para-Maranhão, a África e o Portugal. O Tráfico Negreiro do fim do século XVII até 1846: novos dados, novos olhares. Foco sobre a Senegâmia. Desde 2010. Irmandades negras no Pará e no Maranhão : Africanos, criouliização e mestiçagem (1755-1888). Desde 2008.
4 Giselle Martins Venâncio	A circulação transatlântica dos impressos a globalização da cultura no século XIX. Desde 2009.
8 José Bento Rosa da Silva	"Heróis De Saga": Angola como ascensão militar para os pernambucanos. Desde 2010.
9 Elio Chaves Flores	Margens do Atlântico: intelectuais afro-brasileiros e africanos (1948-1988). Desde 2010.
13 Valdemir Donizette Zamparoni	Medicina e colonialismo: encontros e confrontos em terras coloniais portuguesas (Angola e Moçambique). Desde 2008.
14 Cláudio Alves Furtado	A emigração Cabo-verdiana para a Guiné-Bissau: Um controverso retorno às

	<p>origens. Desde 2012. Raças, Classes e Etnias nos estudos sobre Cabo verde. Desde 2011.</p>
17 Juvenal de Carvalho Conceição	<p>A África na Imprensa brasileira. De 2010 a 2012.</p>
17 Emiliano Unzer Macedo	<p>Democracia na África do Norte. Desde 2008.</p>
22 Vaniclea Silva Santos	<p>Multiculturalismo: Estudos Africanos e da Diáspora. Desde 2011.</p>
23 Elaine Ribeiro	<p>Barganhando sobrevivências: os trabalhadores centro-africanos da expedição de Henrique Dias de Carvalho à Lunda (1884-1888). Desde 2008.</p>
24 Marina Berthet	<p>Trabalho forçado africano. De 2009 a 2011.</p>
28 Patricia Santos Schermann	<p>Projeto de pesquisa e de formação acadêmica e docente Saberes, práticas, ensino e histórias da África, da Índia e do Brasil. Desde 2010. Caminhos de Suez: uma história das relações diplomáticas, culturais e políticas no contexto das trajetórias nacionais das relações Brasil/Egito (1956-1973). Desde 2008. O Anti-escravismo face ao contexto colonial: um estudo comparativo das experiências das colônias anti-escravistas na África central (1870-1914). Desde 2007.</p>
29 Leila Leite Hernandez	<p>Brasil na África e África no Brasil: novos horizontes. Desde 2011. Dimensões da Resistência em África. Desde 2010. Sur la piste des traites négrière à travers les petites îles de l'Afrique et de la Méditerranée - Entre mémoire, histoire et oubli. Desde 2010.</p>

	Elites africanas, a circulação de ideias e o nacionalismo anticolonial: 1945-1970. Desde 2009. Memória de África e do Oriente no Brasil. Desde 2009.
30 Marina de Mello e Souza	A África no Brasil e o Brasil na África: novos horizontes. Desde 2011
31 Maria Cristina Wissenbach	Livingstone e os portugueses: narrativas de viagens e dinâmicas do comércio centro-africano (1a. metade do século XIX). Desde 2011. Relatos de viagem e de negócios nas interseccções das rotas comerciais sertanejas e atlânticas na África Central, séculos XVII ao XIX. Desde 2008.
32 Lucia Helena Oliveira Silva	Viagens pela África: o continente africano visto pelos olhos de seus exploradores e habitantes no XIX. Desde 2011.
Marta Jardim	A sograria hindu nas redes comerciais e familiares do processo de territorialização do sudeste africano: antropologia e história sul africana. Desde 2006. O que é isto a África e sua história? Desde 2009.
34 Lucilene Reginaldo	Homem preto, natural do Brasil, missionário no Congo: a trajetória de André Couto Godinho e histórias da gente de cor no Império Português (1720-1788). Desde 2010
35 Andrea Marzano	O sport que virou esporte, o sport que virou desporto: as experiências (d)esportivas em países lusófonos. Desde 2011.
39 Silvio Carvalho	Diferenças e Desigualdades na Lusofonia: Estudos Comparativos na Contemporaneidade. Desde 2001.
41 Marcelo Bittencourt	O sport que virou esporte, o sport que virou desporto: as experiências

	(d)esportivas em países lusófonos. Desde 2011. Os primeiros anos da Angola independente (1975-1979). Desde 2007.
42 Alexsander Gebara	Análise comparativa diacrônica entre viajantes britânicos na África Ocidental 1780-1870: Um estudo de seus atos de enunciação. Desde 2008.
43 Alexandre Vieira Oliveira	Recursos e práticas didáticas para História da África. De 2011 a 2012. Desbravando Angola: uma análise sobre os documentos da história angolana produzidos entre os séculos XVI e XIX. Desde 2010.
47 Marionilde Dias Brepohi de Magalhães	Presença alemã na África. Desde 2010.
48 Silvio Marcus de Souza Correia	Germânicas Tropicais: as colônias alemãs e a modelagem antrópica das paisagens em biomas do Brasil e da África. Desde 2010. A África alemã (1884-1919). Desde 2009
56 Selma Pantoja	Em torno de Angola: conexões Atlânticas Desde 2011.
57 Anderson Ribeiro Oliva	O ensino de história africana no Mundo Atlântico De 2009 a 2012.

FONTE: Plataforma Lattes/CNPq

FORMANDO NOVOS PESQUISADORES

Nem todas as instituições onde hoje são oferecidas aulas de história da África possuem programas de pós-graduação. Dentre estas, um número menor ainda, realiza estudos em nível de doutoramento. Resolvemos, entretanto, incluir os dados referentes à atividade de orientação dos professores que hoje atuam diretamente na regência da disciplina história da África para que pudéssemos elaborar um perfil do que vem sendo pesquisado no país sobre o

assunto. Mais especificamente, para o que se demanda a orientação especializada destes professores.

Assim como ocorreu com Josenildo de Jesus, orientando de Leila Hernandez; Gilson de Oliveira Junior, orientado no mestrado por Cristina Wissenbach e no doutorado por Wolfgan Döpcke, Vanicléia dos Santos, orientanda de Marina de Mello e Souza, Elaine Ribeiro, orientanda de Cristina Wissenbach, Anderson Oliva e Estevam Thompson, orientandos de Selma Pantoja, todos hoje professores na área, os novos professores devem estar sendo formados, mesmo que parcialmente, nos estudos dirigidos pelos pesquisadores em ação atualmente.

O conteúdo das pesquisas contribui, ainda, para indicar os caminhos pelos quais a história da África vai amadurecendo no país.

No universo de professores que vimos analisando 16 orientam teses de doutoramento, distribuídos em 10 diferentes programas.

Cabe-nos ressaltar que entre os professores listados acima, alguns até hoje não estão vinculados à produção de novas pesquisas em África, ao que parece dedicando-se individualmente, apenas, à atividade de preparação de suas aulas. Um resultado da inexistência de vagas para a abertura de concursos e da imperiosidade de se atender as demandas do MEC e da sociedade. Ou, ainda, presença ainda recente do professor nesta área de estudos. Incluem-se no conjunto dos que nunca orientaram teses em história da África ou em temáticas afro-brasileiras: Marionildes Magalhães, José Rivair de Macedo e João Alberto da Costa Pinto.

O que as pesquisas desenvolvidas nos mostram é que, ao contrário dos cursos ministrados na graduação, os estudos pós-graduados voltam-se para o século XX, em sua grande maioria. Entre as temáticas estudadas revela-se um leque abrangente, no qual o Estado-nação divide o protagonismo com outros sujeitos sociais. Encontramos estudos sobre religiões contemporâneas, literatura, imprensa, cinema, rebeliões, identidade feminina, patrimônio e ensino de história da África, entre outros.

A maior parte dos professores que orientaram trabalhos é formada por africanistas reconhecidos nacionalmente e, provavelmente por esta razão, aqueles que os procuram para dirigir suas pesquisas têm por alvo esta especialização. Entretanto, eles também orientam alguns trabalhos cuja temática se enquadraria em estudos afro-brasileiros, tais como algumas manifestações do Movimento Negro no Brasil, bem como estudos sobre escravidão.

Os estudos de mestrado são orientados por 33 professores dentre os que constituem o universo desta pesquisa. Entre eles encontramos aqueles que, até o momento, guiaram estudos exclusivamente em temáticas africanas ou afro-brasileiras. Eles representam 21% do total de orientadores. Quanto aos demais, há os que até o momento só acompanharam estudos afro-brasileiros ou sobre escravidão, em geral localizados em programas de pós-graduação mais recentes. As orientações em história da África estão concentradas nos programas em que os professores já possuem tradição neste campo de estudos, como a USP, a UFF, a UFBA, a UFRJ e a UNB.

Os temas de história da África ou as reflexões sobre a presença de africanos ou de sua cultura no Brasil são a maioria. Entretanto é significativa a atuação dos professores orientadores junto a outras temáticas².

Não obstante a diversidade dos objetos e da metodologia empregada nos estudos, a espacialidade africana que se tornou foco dos estudos de doutorado e de mestrado conduzidos pelos professores em tela é a mesma daquela dos programas de disciplina por eles ministrados e dos projetos de pesquisa aos quais se dedicam atualmente – a África dos países de língua oficial africana. Angola, Moçambique e Cabo Verde concentram mais de 90% dos estudos sobre o continente.

Referências Bibliográficas:

ABREU, Martha, MATTOS, Hebe, 2008 Em torno das ‘Diretrizes curriculares Nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana’: uma conversa com historiadores. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 21, nº 41, janeiro – junho, p. 5 – 20.

APPIAH, Kwame Anthony 1997 *Na casa de meu pai; a África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto.

APPLE, Michael W. *Ideologia e currículo*. Porto Alegre: Artmed, 2006

_____. *Educação e poder*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

ALBERTI, Verena e PEREIRA, Amílcar Araújo. 2007a. Qual África? Significados da África para o movimento negro no Brasil. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, nº 39, janeiro – junho, p. 25 – 56.

_____. 2007b. *Histórias do movimento negro no Brasil*. Depoimentos ao CPDOC. Rio de Janeiro : FGV/Pallas

ANJOS, José Carlos Gomes dos. *No território da linha cruzada: a cosmopolítica afro-brasileira*. Porto Alegre: UFRGS; Fundação Cultural Palmares, 2006.

BARBOSA, Muryatan Santana. Eurocentrismo, História e História da África. *Sankofa*. Revista de história da África e de estudos da diáspora africana. São Paulo: FFLCH/USP, jun.

² Para diminuir o impacto das orientações de professores mais antigos na profissão e que apenas recentemente passaram a dar aulas de história da África, considerei apenas as orientações de mestrado posteriores a 2004.

2008. Disponível em <http://sites.google.com/site/revistasankofa/sankofa-01> acessada em 20.01.2012

BELTRAN, Luis. Beltran “O africanismo Brasileiro – incluindo uma bibliografia africanista brasileira (1940-1984). *África*, n.8-bis, 1986

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. 2007 Identidades e ensino de história no Brasil. IN CARRETERO, Mario; ROSA, Alberto; Gonzáles, Maria Fernanda (org) *Ensino de História e Memória Coletiva*. Porto Alegre, Artmed.

_____. 2003 Disciplinas escolares: história e pesquisa. In: OLIVEIRA, Marcus Aurelio Taborda de; RANZI, Serlei Maria Fischer. *História das disciplinas escolares no Brasil: contribuições para o debate*. Bragança Paulista: Edusf.

BRUTER, Annie 2005. Um exemplo de pesquisa sobre a história de uma disciplina escolar: A História ensinada no século XVII. In *Historia da Educação*. ASPHE/Fa/UFPel, Pelotas, n.18, set., p. 7-21.

_____. *L'Histoire enseignée au Grand Siècle*. Naissance d'une pédagogie. Paris: Belin, 1997

CARRETERO, Mario; ROSA, Alberto; Gonzáles, Maria Fernanda (org) 2007 *Ensino de História e Memória Coletiva*. Porto Alegre, Artmed.

CHERVEL, André. 1990 História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Teoria & Educação*. Porto Alegre: Pannonica, n.2, p.117-229.

_____. 1977 *...et il fallut apprendre à écrire à tous les petits français*. Histoire de la grammaire scolaire. Paris: Payot

DIAS, L. R. 2005. Quantos passos já foram dados? A questão de raça nas leis educacionais – Maringá: *Revista Espaço Acadêmico* n°38, julho .

DIFUILA, Manuel Maria. 1995. “Historiografia da história de África”. *Actas do Colóquio ‘Construção e Ensino da História de África’*. Lisboa : Linopazas, pp. 51-56.

FARIAS, Paulo. Entrevista a *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 07/11/2007. Disponível em <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/entrevista/paulo-fernando-de-moraes>

Acesso em 03/03/2012.

GOODSON, Ivor. 1997 *A construção social do currículo*. Lisboa : Educa.

- _____. 2001 *Currículo, teoria e História*. 4. ed. Petrópolis : Vozes.
- GUERRA, Marcia. 2008. Lei 10.639: uma experiência de descolonização do olhar. In: MEC/SETEC. *Implementação das diretrizes curriculares para a educação das relações étnico-raciais e o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação profissional e tecnológica*. Brasília: MEC/SETEC. p. 82-87
- GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Historiografia e cultura histórica: notas para um debate. *Agora. Revista de História e Geografia*. UNISC, v. 11, n. 1, 2005, pp. 31-48.
- _____. Usos da História: refletindo sobre identidade e sentido. *História em revista*. UFPEL, Pelotas, v. 6, 2000, pp. 21-36.
- HORTA, José da Silva 1995. “Entre história européia e história africana, um objecto de charneira: as representações”. *Actas do Colóquio Construção e Ensino da História da África*. Lisboa : Linopazes.
- LECHINI, Gladys (comp) 2008 *Los estudios afroamericanos y africanos em América Latina – Herencia, presencia y visiones del outro*. Córdoba : Ferreira Editor; Buenos Aires : Consejo Latinoamericano de Ciências Socializa.
- MATTOS, Hebe. 2003. O ensino de história e a luta contra a discriminação racial no Brasil. In: ABREU, Martha e SOIHET, Rachel. *Ensino de história*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/Faperj.
- MATTOS, H. & ABREU, M. C. 2006. Subsídios para uma leitura crítica dos PCNs e das “Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana”. *Ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira*. Belo Horizonte, PUC-Minas, Virtual, v.1, p. 49-59.
- OLIVEIRA JUNIOR, Gilson Brandão de. 2011 Agostinho da Silva e o CEAO: reflexões sobre a primeira experiência institucional dos estudos africanos no Brasil. Anais do XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais – Diversidades e Desigualdades. Salvador, agosto
- PEREIRA, Luena Nunes Pereira. 2008 O ensino e a pesquisa sobre África no Brasil e a Lei 10.639. In LECHINI, Gladys (comp) 2008 *Los estudios afroamericanos y africanos em América Latina – Herencia, presencia y visiones del outro*. Córdoba : Ferreira Editor; Buenos Aires : Consejo Latinoamericano de Ciências Socializa. P.253 - 276

QUIJANO, Aníbal. 2005. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org) *A colonialidade do saber – eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, pp. 229 - 279.

SARAIVA, João Flavio S. 1996. *O lugar da África: a dimensão atlântica da política externa brasileira de 1946 aos nossos dias*. Brasília: Ed. UnB,

ZAMPARONI, Valdemir. 2007. A África e os estudos africanos no Brasil: passado e futuro. *Ciência e Cultura*. São Paulo, v. 59, nº 2, abr./jun.

_____. 1995. Estudos africanos no Brasil: Veredas. In *Revista de Educação Pública*, v.04, n.05, pp. 105-124,